

RESENHA 1 – MARXISMO, MODERNIDADE E UNIVERSALISMO

Persistência e Mudança Social – Prof. Alexandre Abdal



Instituto de Relações Internacionais
Cecilia Inamura de Moraes - 9862482

1. Objetivos

Essa resenha tem por fim analisar os argumentos centrais da teoria marxista, através, principalmente, dos escritos presentes no “Manifesto do Partido Comunista”, de Karl Marx e Friedrich Engels, além do livro “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, de Engels e dos artigos de Marx escritos em contribuição para o *New York Daily Tribune* sobre os impactos da dominação britânica na Índia e na China; relacionando-os com o conceito de modernidade proposto por David Harvey em seu livro “Condição pós moderna”. Propõe-se estender a discussão acerca da abrangência geográfica do caráter efêmero e conflituoso da modernidade proposto pelo autor, além de questionar a universalização do fenômeno moderno.

2. Introdução

Em “Condição pós moderna”, Harvey caracteriza a modernidade como um experiência contínua e intensiva de mudança, onde tudo é efêmero e a única segurança é a insegurança.

Karl Marx, nascido em 1818 na Prússia, vivendo grande parte de sua vida em Londres, observou de perto cada mudança promovida pela Revolução Industrial Inglesa, fenômeno que melhor exemplifica e explica a dinâmica moderna de mudanças incessantes em todas as esferas da vida social, impulsionadas por uma revolução nos meios de produção. Os argumentos desenvolvidos em “O Manifesto do Partido Comunista”, previamente apresentados por Engels em “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”, colocam como moínho da história a prática da luta de classes.

Para a teoria marxista, o conflito é e tem sido a origem do desenvolvimento histórico. Segundo os autores:

“[...] opressores e oprimidos, estiveram em constante antagonismo entre si, travaram uma luta ininterrupta, umas vezes oculta, outras aberta, uma luta que acabou sempre ou com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com o declínio comum das classes em luta” (Marx, K. e Engels, F.: *O manifesto do partido comunista – 3ª edição*)

Em análise dos tempos modernos, é reconhecida pelos autores a importância da classe burguesa e seu aspecto revolucionário. De acordo com eles, “a burguesia é, ela própria, o produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de profundas transformações no modo de produção e de troca” (Marx, K. e Engels, F.: *O manifesto do partido comunista – 3ª edição*).

Sendo assim, é possível afirmar que o caráter transitório que tudo adquire nos tempos modernos, de acordo com Harvey, também pode ser observada nos escritos de Marx e Engels

3. O caráter revolucionário dos escritos analisados

Em seu livro, Harvey explica:

“A transitoriedade das coisas **dificulta a preservação de todo meio de continuidade histórica**. Se há algum sentido na história, há que descobri-lo e defini-lo a partir de dentro do turbilhão na mudança, uma turbilhão que afeta tanto os termos da discussão como o que está sendo discutido.” (Harvey, D. – *A condição pós moderna* – 1935)

E adiante: “**Como interpretar isso, como descobrir os elementos eternos e imutáveis em meio a essas disrupções radicais, é o problema**”.

Nesse sentido, a teoria marxista se propõe a resolver esse problema colocado por Harvey. A resposta de Marx está no conceito de luta de classes, como **supracitado, que não é característico apenas da modernidade, mas sim de toda a história**. Como colocado no Manifesto: “A história de toda a sociedade até hoje tem sido a história da luta de classes”. (Marx, K. e Engels, F.: *O manifesto do partido comunista* – 3ª edição).

Em suas observações sobre a modernidade, desenvolvida na primeira parte do manifesto, os autores dedicam-se a **especular sobre a trajetória da burguesia, enquanto classe. Essa inclui uma ascensão turbulenta, em meio a ambiente desfavorável a seus ideais, a luta revolucionária por eles e, por fim, uma queda brusca, quase suicida, pelas mãos do proletariado**, classe social criada pelas inovações nos modos de produção burguesas. Segundo eles:

“As armas que a burguesia utilizou para derrubar o feudalismo viraram-se agora contra ela própria.

Mas a burguesia não forjou apenas as armas que lhe trazem a morte; também gerou os homens que vão manejar essas armas – a moderna classe trabalhadora – os *proletários*.”. (Marx, K. e Engels, F.: *O manifesto do partido comunista* – 3ª edição)

Sua proposta final de um novo mundo inclui uma tomada e socialização dos meios de produção pelas mãos do proletariado, abolindo por inteiro cada forma de propriedade privada. Essa luta começa pela simples existência da classe proletária, por natureza intrínseca de interesses opostos e inconciliáveis em relação à burguesia. Em seguida, a união progressiva dos trabalhadores torna a percepção da luta como sendo de caráter nacional, e depois, internacional. Para os autores, **existe apenas uma possibilidade para o fim dessa história, sendo essa “A sua queda (da burguesia) e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis”**. (Marx, K. e Engels, F.: *O manifesto do partido comunista* – 3ª edição)

Sendo a teoria marxista pertencente a seu tempo, suas próprias premissas podem ser objeto de **desconstrução**. Dentro da ideia de uma modernidade transitória em que **“tudo o que é sólido se desmancha no ar”**, é possível questionar-se acerca da continuidade desse processo histórico de luta de classes após a suposta vitória do proletariado. Seria esta uma **ruptura** com o ciclo de transformações radicais característico da modernidade, por socializar os meios de produção e abolir o sistema de classes? Ou seria o proletariado a

nova burguesia, que no futuro cavaría a sua própria cova, como esta, segundo o autor, fez?

As teses de Marx encontram sua justificativa no contexto em que este viveu e nas experiências que teve. São obras de seu tempo e espaço e como Engels escreveu nos prefácios às edições alemã de 1883 e inglesa de 1888:

“A produção econômica e a estrutura social dela necessariamente decorrente, em qualquer época histórica, constituem a base da história política e intelectual dessa época” (Engels, F.: *prefácio à edição alemã – O manifesto do Partido Comunista* – 1883)

Sendo assim, é decerto que a única forma possível de analisar um documento histórico é inserindo-o dentro do contexto em que este foi escrito. No entanto, a visão de Marx acerca do destino da classe operária e da forma como a revolução se dará e quais os seus objetivos não considera possibilidades de diferença entre sociedades. A natureza da luta proletária é, de acordo com ele, internacional. Tese potencialmente problemática e eurocêntrica, que será analisada em detalhes na próxima seção.

4. Eurocentrismo e a Universalidade da Modernidade

A suposição marxiana de que o único curso histórico possível é aquele trilhado pela Inglaterra industrial, bem como outras potências europeias que passaram pelo mesmo processo de formas similares, é evidente em seus escritos sobre a colonização da Índia; onde ele escreve:

A Índia não poderia portanto escapar ao destino de ser conquistada e toda sua história, se história houver, é a das conquistas sucessivas que ela sofreu. A sociedade indiana não tem qualquer história, pelo menos história conhecida. O que chamamos de história não é a história dos invasores sucessivos que fundaram seus impérios sobre a base passiva desta sociedade imóvel e sem resistência. A questão não é, portanto, a de saber se os ingleses têm direito de conquistar a Índia, mas se devemos preferir a Índia conquistada pelos turcos, pelos persas, pelos russos, à Índia conquistada pelos britânicos. (Marx, K.: *Os resultados eventuais da dominação britânica na Índia* – New York Daily Tribune, 1853)

Escreve também, no *Manifesto*

Compele todas as nações a adotarem o modo de produção da burguesia, sob pena de ruína total; compele-as a introduzirem no seu seio a chamada civilização, isto é, a tornarem-se burguesas. Em outras palavras, a burguesia cria um mundo à sua imagem. (Marx, K e Engels, F.: *O Manifesto do Partido Comunista* – 3ª edição).

Com essas citações que servem bem o propósito, dentre inúmeras outras que carregam o mesmo sentido, encontradas em todos os seus artigos para o *New York Daily Tribune*, podemos identificar a falta de reconhecimento da autonomia das sociedades, justificada, por Marx, pelo caráter universal da dominação burguesa e do modo de produção capitalista. Elas suscitam uma série de questionamentos acerca da universalidade, além da causa operária,

sobre o fenômeno moderno em si. Seria a dinâmica moderna de natureza cosmopolita?

Sobre as particularidades geográficas do modernismo, escreve Harvey, quase um século depois:

“Essa complexidade geográfica histórica do modernismo (que ainda precisa ser escrita e explicada por inteiro) torna duplamente difícil interpretar com exatidão o que era o modernismo. As tensões entre internacionalismo e nacionalismo, globalismo e etnocentrismo paroquial, universalismo e privilégios de classe nunca estiveram longe da superfície” (Harvey, D. – *A condição pós moderna* – 1935)

5. Conclusão

Como a própria tese de Marx afirma, produções intelectuais são guiadas pela estrutura social, fruto da organização produtiva, em que se vive. Sendo assim, não se pode invalidar o que é proposto por ele sem que se faça primeiro uma análise do contexto em que foi escrito e das possíveis influências que moldam suas ideias.

No contexto específico de Marx, século XIX, além do turbilhão moderno da Revolução Industrial, existia uma grande tendência na produção intelectual europeia a justificar, de inúmeras formas, a dominação colonial europeia fora do velho continente. Por bem ou por mal, as tendências eurocêntricas da visão de munda marxista inserem-se nessa conjuntura que dificultava uma análise mais detalhada de especificidades regionais.

